

**FACULDADE CAPIXABA DA SERRA – MULTIVIX
PEDAGOGIA**

**CAROLINE CHRISTO ALMEIDA
EVA ABREU MARIANO**

A FORMAÇÃO DO LEITOR ATRAVÉS DA LITERATURA INFANTIL

**SERRA
2014**

CAROLINE CHRISTO ALMEIDA
EVA ABREU MARIANO

A FORMAÇÃO DO LEITOR ATRAVÉS DA LITERATURA INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Pedagogia da Faculdade Capixaba da Serra – Multivix, como requisito parcial para obtenção do grau em Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Professora Ms. Silvana Santos.

SERRA
2014

**CAROLINE CHRISTO ALMEIDA
EVA ABREU MARIANO**

A FORMAÇÃO DO LEITOR ATRAVÉS DA LITERATURA INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Pedagogia da Faculdade Capixaba da Serra – Multivix, como requisito parcial para obtenção do grau em Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em __ de __ de 2014

EXAMINADORA

Prof^a. Ms. Silvana Santos.

Ao querido Valter, com quem, desde cedo, aprendi a paixão de viajar sem sair do lugar.

(Caroline Almeida, 2014).

Àqueles que de alguma forma estiveram e estão próximos a mim, fazendo essa vida valer cada vez mais a pena.

(Eva Abreu Mariano, 2014).

Agradecemos de coração à professora e orientadora Silvana Santos, a qual temos grande apreço e admiração.

“O leitor abre o livro e vai lendo, lendo e, quando vê, já está mergulhado na paisagem. Pensando bem, ler é como viajar para outro universo sem sair de casa. [...] Tudo é mentira. Ao mesmo tempo tudo é verdade, tanto que, após, o leitor, se tiver sorte, pode ficar compreendendo um pouco melhor sua própria vida, as outras pessoas e as coisas do mundo.”

(AZEVEDO, 2006, p. 57).

RESUMO

Muitas são os questionamentos relativos à importância da leitura e os efeitos que esta pode causar na vida de um indivíduo. A partir destes, o presente trabalho propõe-se a apresentar o resultado de pesquisas e análises bibliográficas realizadas e relacionadas ao desenvolvimento infantil com base na Literatura, principalmente a voltada a este público, com foco na formação de leitores, uma vez que, sendo a leitura uma competência extremamente importante no mundo civilizado, não basta que o indivíduo saiba ler os códigos linguísticos, é preciso, ademais, que ele tenha a capacidade de compreender esses códigos, além de ter hábitos constantes de leitura de forma prazerosa para que assim essa prática se torne significativa.

Palavras-chave: Desenvolvimento Infantil – Literatura – Formação de Leitores – Códigos Linguísticos – Significativa.

ABSTRACT

Many are the challenges related to the importance of reading and the effects it can have on an individual's life. From these, the present study aims to present the results of research and bibliographic analyzes and related to child development based on the literature, mainly aimed at this audience, focusing on educating readers, since, with the reading an extremely important skill in the civilized world, not just the individual learn to read the language codes, it is necessary, furthermore, that he has the ability to understand these codes, in addition to constant reading habits in a pleasant way so that this practice becomes significant.

Keywords: Child development – Literature – Readers Training – Language Codes – Significant.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
I CAPÍTULO: A LITERATURA INFANTIL	12
1.1 BREVE HISTÓRICO	13
1.2 LITERATURA INFANTIL NO BRASIL	15
II CAPÍTULO: A LITERATURA INFANTIL E A FORMAÇÃO DE LEITORES	18
2.1 RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL	19
2.2 POR QUE FORMAR LEITORES?	20
2.3 COMO FORMAR LEITORES?	23
III CAPÍTULO: PROJETOS E EXPERIÊNCIAS DE ÂMBITO NACIONAL	33
3.1 PROJETO TRILHAS	34
3.2 PROJETO ITAÚ: LEIA PARA UMA CRIANÇA	34
3.3 FUNDAÇÃO EDUCAR D’PASCHOAL	35
3.4 BICICLOTECA	36
3.5 BIBLIOTECA ESTANTE LIVRE	37
3.6 LITERASAMPA	38
3.7 VAGA LUME	38
3.8 BARCA DOS LIVROS	39
3.9 PROGRAMA PRAZER EM LER	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42

INTRODUÇÃO

Visto que na sociedade atual a quantidade de informações e a evolução tecnológica acabam por se tornar um grande concorrente dos livros, é preciso idealizar maneiras de trazer de volta a importância da leitura como formativa e transmissora de valores.

É proposta da presente pesquisa discorrer e analisar assuntos relacionados à literatura infantil e a sua influência no que tange ao desenvolvimento e formação dos indivíduos em geral.

Partindo-se do pressuposto de que a linguagem e a leitura são vistas como alicerce do sujeito em relação à interação, convívio e comunicação, certifica-se a importância de análise do tema proposto a fim de encontrar meios de promoção de desenvolvimento das capacidades citadas.

Uma vez que é na infância que se formam hábitos e costumes, e que estes perduram por toda a vida, é evidente que a Literatura Infantil pode ser apontada como um meio de progressão da imaginação, sentimentos e emoção de forma prazerosa e significativa.

O interesse no tema surgiu no próprio cotidiano, ao observar jovens e adultos com dificuldade não somente de aprendizagem, mas também de interpretação e resolução de problemas diários comuns a qualquer pessoa.

A partir disso, a proposta inicial foi a de analisar como a inserção da Literatura desde a primeira infância poderia auxiliar no desenvolvimento de capacidades intelectuais e cognitivas visando a formação de leitores para toda a vida.

Sendo objetivado esse propósito, surgiu o questionamento: “Por que formar leitores?”. A fim de encontrar uma resposta coerente e convincente a esta questão é que se despertou a curiosidade de análise relacionada às vantagens e/ou desvantagens de se formar um leitor e, além disso, compreensão dos fatores de influência da Literatura nos processos de aprendizagem.

É considerado também que não se deve acolher como única ou singular a visão de desenvolvimento humano. Para isso é preciso ter em mente os diversos estágios que rodeiam esse processo, visto que existem vários fatores, externos ou internos, que exercem domínio sobre o mesmo.

A metodologia presente nessa análise segue uma linha bibliográfica apresentando não somente o papel da escola, mas também o papel da família no incentivo à leitura e no crescimento literário da criança desde os primeiros estágios até a formação de sua criticidade.

Por fim, o objetivo dessa pesquisa é o de fazer reconhecer-se a importância da Literatura no desenvolvimento humano, assim como promover a compreensão do incentivo ao hábito da leitura e a valorização de momentos reservados a ela de maneira a expor os diferentes concernentes do tema, elencando cada um deles.

Apropriando-nos dessa conjectura, buscar-se-á neste refletir as ações pertinentes ao tema em três fragmentos. O primeiro com exposição e análise histórica da Literatura Infantil. O segundo com apontamentos concernentes à

importância de se formar leitores com base em dados estatísticos relativos à leitura no Brasil e, ainda, exposição de meios para tornar um indivíduo verdadeiramente leitor. E o último, com projetos e experiências atuais que tem por finalidade por em prática de forma lúdica e prazerosa a leitura em diversas áreas e etapas da vida com o objetivo de alcançar cada vez mais pessoas ao universo letrado e de desenvolvimento intelectual.

I CAPÍTULO: A LITERATURA INFANTIL

1.1 BREVE HISTÓRICO

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura, ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização. (CAGNETI, 1996, p. 7).

De uns anos pra cá, muito se ouve falar sobre a Literatura e sua importância na formação de um cidadão crítico. Em meio a esse discurso, surge a questão da Literatura Infantil e a sua importância no que diz respeito a sua especificidade.

Porém, falar sobre o assunto sugere discriminar a sua abrangência no que tange a faixa etária a qual a mesma se adequa. Por esse motivo, é importante frisar que, na presente pesquisa e análise, focaremos a Literatura Infantil e a importância de sua inserção no cotidiano desde a primeira infância, a qual Nelly Novaes (2005), denomina dos 15/17 meses aos 3 anos, onde

A criança inicia o reconhecimento da realidade que o rodeia, principalmente pelos contatos afetivos e pelo tato. É a chamada fase da “invenção da mão”, pois seu impulso básico é pegar tudo que se acha ao seu alcance. É também o momento em que a criança começa a *conquista da própria linguagem* e passa a *nomear as realidades* à sua volta. (Grifos da autora).

As décadas de 70 e 80 ficaram marcadas pela preocupação com o leitor e seu desenvolvimento cognitivo, época intitulada como o “boom da literatura infantil” (CADEMARTORI, 1986, p. 11). Nessa época surgiram vários estudos e pesquisas com a finalidade de abordar a leitura como processo de desenvolvimento humano. Antes disso, por volta do século XVII, a chamada “literatura” era destinada a crianças da classe burguesa, que eram orientadas por preceptores e tinham acesso a grandes clássicos. Crianças de classes desprivilegiadas só tinham acesso a histórias que ouviam de cavalheiros e aventureiros, diz-se ter sido a partir disso que surgiram as lendas e contos.

Porém, não podemos desassociar o surgimento dessa literatura de acontecimentos econômicos e sociais, já que foi exatamente no século XVII que a Revolução Francesa se irrompeu, ampliando os horizontes da chamada “industrialização” que, de certa forma, pôs fim ao sistema feudal. A burguesia surge nesta fase, tomando o lugar dos senhores feudais e incentivando a estabilização de instituições como a família e a escola.

Até os anos 70 a Literatura era voltada para a instrução moral e ideológica. Somente no século XVIII foi instituída uma “Literatura Infantil”, época de grande questionamento em relação à criação das crianças, que até esse ponto eram tratadas como adultos em miniatura, como afirma Zilberman (2003): “Esta faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança um espaço separado.”.

Cunha (2003, p. 22) ainda afirma que

A história da literatura infantil tem relativamente poucos capítulos. Começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta.

Partindo disso, era necessário criar meios de aprendizagens adequados às faixas etárias dessas crianças.

No princípio, os próprios educadores escreviam os textos, porém sem intenções de estímulo pré-selecionadas. Segundo Zilberman (2003, p. 24) esses textos “[...] se revelavam como um manual de instruções, tomando o lugar da emissão adulta [...]”, ou seja, a criança não precisava mais ser tratada como um adulto em miniatura, porém os textos que lhe eram apresentados eram controlados pelos adultos, que lhe impunham limites no que tange tanto ao seu conhecimento quanto à sua aprendizagem.

A contação de histórias para crianças era um meio de ensiná-las pequenas lições, dessa forma, podemos afirmar que os textos e histórias surgiram no anseio de consolidar os padrões básicos da sociedade, por esse motivo não foram vistos inicialmente como arte, o que não se tornou diferente com o passar dos anos, como afirma Colomer (2003, p. 14) em seu livro “A Formação do Leitor Literário”: “Nos livros infantis, mais do que na maioria dos textos sociais, se reflete a maneira como uma sociedade deseja ser vista [...]”.

Pode-se dizer que o francês Charles Perrault está diretamente ligado à gênese da literatura infantil, afinal, foi ele quem deu início as adaptações de contos populares de sua época à contos de fadas, ou maravilhosos, que são conhecidos até os dias atuais, como *A Bela Adormecida*, *Mãe Gansa*, *Chapeuzinho Vermelho*, *O Gato de Botas*, *As Fadas*, *A Gata Borralheira*, *O Pequeno Polegar*, etc.

Até sua época, as pessoas não escreviam as histórias, elas eram apenas contadas. O trabalho de Perrault foi importante exatamente por isso. Abramovich (1991) explica que

Os contos de Perrault são apenas fragmentos e documentos dessa história poética que todos os povos possuem, mas que não foi escrita. Mistura a criação popular à sua imaginação de escritor, dando detalhes e minúcias reais nos contos encontráveis e característicos de sua época. São obras-primas.

Não obstante, temos os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, que viajaram durante muito tempo pela Alemanha, por volta de 1800, ouvindo histórias e lendas do povo, transcrevendo-as e fazendo suas adaptações.

Na mesma linha temos Andersen, Collodi e Lewis Carrol que também marcam esse início da Literatura Infantil com seus contos e adaptações. Sobre Andersen,

Jesualdo Sosa (1998, p.16) diz que “nele o maravilhoso é sua própria alma e seu mundo inteiro, seu mundo vivo, produto de sua própria vida. É o poeta da infância.”.

Cademartori (1986) aponta que a adaptação dos contos populares seguia alguns princípios normativos, os quais são apontados a cristianização e a valorização do pudor.

Os textos eram dirigidos para crianças, porém deveriam corresponder aos gostos da sociedade e classes as quais eram dirigidos. Assim, os contos populares perderam suas passagens obscenas, incestuosas e canibalescas para ganhar caráter de advertência, onde o personagem que desobedecesse tivesse punição adequada até o final do conto.

1.2 LITERATURA INFANTIL NO BRASIL

Segundo Cunha (2003), “[...] no Brasil, como não poderia deixar de ser, a literatura infantil tem início com obras pedagógicas e, sobretudo, adaptadas de produções portuguesas, demonstrando a dependência típica das colônias.”. Com a preocupação voltada para a criança como um ser diferente do adulto, surgem diversos diálogos e debates que vêm trazer a questão de como estimular o desenvolvimento da mesma. Por volta do século XVIII, o saber obtido pela leitura passa a ter maior importância. É também nessa época que são deflagradas várias campanhas de alfabetização, abrindo assim espaço para a produção literária.

O início desse processo no Brasil é marcado pela preocupação generalizada em relação à necessidade de material de leitura adequado à linguagem das crianças brasileiras. A partir dessa preocupação temos o surgimento de diversos autores que são citados como responsáveis pelas adaptações e traduções de textos escritos fora do país, dentre eles, ganham destaque Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel.

Carlos Jansen era Alemão, mudou-se para o Brasil entre os anos 1880 – 1890. Os clássicos que ele traduziu para a língua portuguesa foram: Robinson Crusóé, Viagens de Gulliver, As aventuras do Barão de Münchhausen e Dom Quixote de La Mancha. Já Figueiredo Pimentel era brasileiro. Ele editou e publicou uma coletânea de contos e histórias, encontradas no livro “Contos da Carochinha”.

Embora a literatura infantil tenha chegado ao Brasil por volta de 1808, diz-se, que ela só teve início em 1920 com Monteiro Lobato, que foi o primeiro a escrever histórias com características típicas do país, além de integrar os costumes do campo e da época e de trazer os contos folclóricos em suas “aventuras”.

As principais e mais conhecidas obras de Lobato são *Reinações de Narizinho*, *A Menina do Nariz Arrebitado*, *Emília no país da Gramática*, *Memórias de Emília*, *Jeca Tatuzinho* e tantas outras, vividas sempre no famoso *Sítio do Picapau Amarelo* com personagens que ficaram consagrados na história da Literatura Infantil, como *Narizinho*, *Pedrinho*, *Emília*, *Dona Benta*, *Tia Anastácia*, *Visconde de Sabugosa*, *Rabicó*, *Quindim*, entre outros.

Vale lembrar aqui que Lobato não somente contribuiu para o crescimento da Literatura Infantil com suas produções literárias, como também contribuiu para a

ampliação da produção editorial brasileira, já que, como empresário, fundou várias editoras.

Depois de Lobato, até a década de 70, a Literatura Infantil ficou reprimida. Foi quando aconteceu o chamado “*boom* da Literatura Infantil”, já citado anteriormente. Nessa época, as produções literárias se consolidam, abrindo espaço para novas características textuais, como a valorização da linguagem, uma maneira única de compor personagens, enredos incorporados a temáticas urbanas, a fusão entre o social e o individual e a fragmentação da narrativa.

Além disso, é nessa época que se começa a observar a proeminência do discurso e valores impostos pelas classes dominantes às produções literárias e questionar se dever-se-ia continuar com o tradicional ou aceitar o novo e agradar o gosto do público-alvo.

Nesse contratempo, discute-se uma forma de objetivar os limites entre a literatura e a cultura de massa, fazendo com que essas discussões tivessem uma certa organização. Zilberman e Lajolo (1986, p. 84) consideram a seguinte questão:

Da mesma forma que no mundo moderno a cidade é, por excelência, o espaço onde eclodem os conflitos sociais e individuais, crises e desajustes, é lá também o espaço privilegiado da produção e consumo da cultura de massa, com a qual a literatura mais contemporânea guarda não poucos pontos de contato. A simbiose entre a literatura e a cultura de massa não afeta apenas suas formas de produção e circulação, como, no caso da literatura infantil, sugere a regularidade de lançamentos, a redundância de temas, a proliferação de séries que trabalham sempre no mesmo horizonte de expectativa dos leitores, a destinação prévia de cada texto a esta ou àquela faixa-etária ou à discussão deste ou aquele tema.

Percebe-se aqui também a vontade, por parte dos autores, de reconhecimento da literatura infantil como a arte que é e com valores igualitários se comparados a outras artes dentro do âmbito cultural, o que, até os dias atuais, ainda não teve grande êxito.

De maneira resumida, Becker (2001) aponta quatro fases no processo de inserção da Literatura Infantil no Brasil. A primeira, compreendendo o final do século XIX e início do século XX, que diz respeito ao momento em que a educação estava voltada para a modernização do país e, com isso, as obras estrangeiras começaram a ser traduzidas para o português. A segunda, no período de 1920 a 1945, em que o país sofria com o alto índice de analfabetismo. Essa fase fica, então, marcada pela criação da Escola Nova, que buscava a reversão deste quadro.

A terceira fase apontada por Becker é marcada pela democracia, visto que após a Segunda Guerra Mundial o país passou por um momento de grande avanço no que tange à educação. Porém, nesta mesma fase ocorreu o Golpe Militar de 64, o que prejudicou excessivamente a cultura que, até o momento, estava avançando, já que, segundo a autora “[...] a literatura infantil passou a ter um caráter conservador [...]”.

A quarta fase, entre 1970 e 1980, foi o momento que podemos chamar de “recuperação”. Nesta fase, as obras literárias se ampliaram, assim como a gama de autores deste segmento.

Atualmente, podemos apontar algumas características para a Literatura Infantil. São as principais: o cenário urbano se excede sob o cenário rural, a linguagem coloquial é aceita facilmente, existem diversos gêneros literários e também maior acessibilidade e exploração gráfica de imagens.

II CAPÍTULO: A LITERATURA INFANTIL E A FORMAÇÃO DE LEITORES

2.1 RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL

Conhecer e avaliar o comportamento do leitor brasileiro a fim de identificar ações favoráveis a esse desenvolvimento é um dos objetivos da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, análise de abrangência nacional realizada em trezentos e quinze municípios de todos os estados brasileiros.

Em sua terceira edição, com lançamento em 2011, a pesquisa foi realizada com aproximadamente cinco mil pessoas residentes do país há cinco anos ou mais. Sua metodologia foi desenvolvida pela UNESCO e promovida pelo Instituto Pró-Livro. A intenção era que fosse repetida a cada três anos, porém, até a presente data, ainda não foi liberada a quarta edição.

Todos os gráficos apresentados pela pesquisa foram feitos com base nas declarações dos entrevistados. Neles, é possível descobrir várias questões relevantes ao assunto da presente análise.

É importante ressaltar que foram considerados leitores aqueles que leram um livro, inteiro ou em partes, pelo menos nos últimos três meses, e não leitores os que não leram nenhum livro nesse mesmo período.

O primeiro questionamento que chama atenção na entrevista é: “O que a leitura significa?”. Em média, para 46% da população a leitura é uma fonte de conhecimento, seja para a vida, para atualização profissional ou para formação acadêmica. Enquanto isso, para uma média de 19% ela representa uma atividade interessante ou prazerosa.

É alarmante pensar que para a maioria das pessoas a leitura é vista, na maioria das vezes, como algo relacionado à obrigação. Dados que comprovam isso estão no questionamento “O que gostam de fazer em seu tempo livre?”, onde a leitura se encontra em sétimo lugar, perdendo enfoque diante da televisão (com 85%), de músicas ou rádio (com 52%), do “descanso” (com 51%), da reunião com os amigos ou família (com 44%), dos vídeos ou filmes em DVD (com 38%) e da saída com amigos (com 34%).

A análise dos dados revelou que, desde 2007, a média de livros lida caiu de 4,7 para 4 por habitante ao ano. Destes, 66% da população declarou ter lido obras didáticas com maior frequência.

Frente a isso, 75% dos entrevistados mostraram-se interessados na leitura por prazer, enquanto apenas 25% faz isso por obrigação. Porém, neste enfoque, algumas dificuldades são apontadas quanto as dificuldades que esses indivíduos enfrentam ao ler. Problemas como leitura devagar, falta de paciência, compreensão ou concentração e limitações físicas, como deficiências visuais, correspondem a 81% da população.

O estímulo pode ser apontado como estratégia de reversão deste quadro, visto que 88% da população acredita que ter ganhado livros influenciou bastante o gosto pela leitura, 35% dos leitores viam os pais lendo e 60% acredita ter sido o hábito dos pais a influenciá-los.

Pensar projetos de leitura também pode ser um grande avanço no que diz respeito ao estímulo à leitura, pois 67% dos entrevistados declararam saber da

existência de bibliotecas em sua cidade ou proximidades, só que 20% acham que o acesso à elas é difícil.

Além disso, esse espaço é visto pela maioria como um lugar de estudos ou pesquisas, com uma média de 44%, e pela minoria como um lugar de lazer acessível a todos, com uma média de 11%.

Defronte a esses dados relacionados à leitura, a pesquisa apontou que 54% da população entrevistada acessa a internet todos os dias.

Informações como estas nos mostra como a preocupação no que tange à educação e à leitura precisa ser emergente.

[...] todas as autoridades do Estado, da comunidade e da escola, todos os professores, pais e pedagogos precisam estar seriamente convencidos da importância da leitura e dos livros para a vida individual, social e cultural, se quiserem contribuir para melhorar a situação. (BAMBERGER, 2008, p. 9).

A sociedade precisa se esforçar cada vez mais para mudar tais quadros, porém, para isso, ela precisa primeiro entender o porquê.

2.2 POR QUE FORMAR LEITORES?

“Livros não mudam o mundo, quem muda o mundo são as pessoas. Os livros mudam as pessoas.” (Mário Quintana).

Todos os membros de uma sociedade precisam utilizar a interpretação, textual ou imagética, em alguma fase da vida. Desde uma criança que precisa realizar atividades escolares a um trabalhador que precisa gerenciar suas atividades diárias, a compreensão e interpretação textual se mostram de grande importância.

É exatamente como disse Frantz (1998, p.14): “[...] no mundo letrado em que vivemos a leitura é a condição primeira, indispensável para o exercício da cidadania.”. E se, desde aquela época, a leitura já se mostrava tão considerável, podemos garantir que nesse processo não houve retrocesso.

Ao lermos um texto ativamos em nossa mente sistemas de compreensão a partir de conhecimentos linguísticos e textuais prévios, que são adquiridos ao longo da vida e são responsáveis por dar sentido ao texto.

Em outras palavras, enquanto lê, o indivíduo traça em sua mente várias hipóteses de interpretação. Para que ele seja capaz de realizar isso, são necessários três pré-requisitos: o conhecimento prévio, o conhecimento linguístico e o conhecimento textual, ambos citados acima.

Por conhecimento prévio, pode-se definir todo conhecimento adquirido ao longo da vida, formal ou informalmente. Já os conhecimentos linguísticos e textuais são, normalmente, adquiridos em idade escolar e são, respectivamente, o conhecimento relativo às palavras (pronuncia, vocabulário, regras...) e o conhecimento das estruturas textuais.

Por isso, podemos afirmar que quanto mais conhecimento prévio o indivíduo tem, quanto mais cedo ele estiver em contato com os livros e o universo letrado, mais fácil e rápida será sua compreensão diante das mais variadas temáticas (KLEIMAN, 1998).

Nesse mesmo processo de leitura, diversas outras estratégias são ativadas em nossa mente, como a capacidade de regular, avaliar, entender, persistir e até mesmo abandonar a leitura. Azevedo (2004, p. 39) explica que:

É importante deixar claro: para formar um leitor é imprescindível que entre a pessoa que lê e o texto se estabeleça uma espécie de comunhão baseada no prazer, na identificação, no interesse e na liberdade de interpretação. É necessário também que haja esforço, e este se justifica e se legitima justamente através dessa comunhão estabelecida.

Isso confirma o que já fora afirmado anteriormente: o conhecimento pode ser adquirido de maneira formal ou informal e as experiências vividas pelo leitor é que irão influenciá-lo. Entendido isso, é necessário avaliar como devemos inserir a literatura na vida humana e de que forma essa inserção poderá trazer resultados positivos como o esperado.

Do todos os espaços sociais, a família é o primeiro a que temos acesso, portanto, é em casa que se deve ter início esse processo de formação leitora, confirmado por inúmeros estudiosos do tema, que desenvolveram pesquisas e teorias relacionadas à aprendizagem e desenvolvimento infantil a partir de diversos contextos, inclusive em relação a influência que a literatura pode exercer sobre esses sujeitos.

De acordo com Abramovich (1991, p. 16),

“[...] é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser um leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão de mundo [...]”.

Trocando em miúdos, o que Abramovich quis dizer foi que é a partir da leitura que o sujeito se torna capaz de compreender os acontecimentos a sua volta, entender o seu semelhante e se tornar um indivíduo pensante e crítico.

Góes (1991, p. 28) também defende o uso da leitura a fim de proporcionar desenvolvimento e aprendizagem. Para ele

Educar é preparar para a vida, portanto é importante ajudar o jovem a obter maior clareza de mente e enriquecimento da sensibilidade. Além desse aspecto essencial, o desenvolvimento da leitura entre crianças resultará em um enriquecimento progressivo no campo dos valores morais, no campo racional, no da cultura e da linguagem.

Desde o início, a literatura tem como principal função atuar sobre as mentes, incitando e expandindo sentimentos diversificados. A leitura pode ser vista como um

tipo de comunicação entre o homem e a realidade, já que ela perpassa sobre todas as áreas do conhecimento.

Podemos colocar a leitura também como forma de educação, afinal é a partir dela que se adquire a erudição necessária à vida, no geral. Ter esse hábito no dia a dia permitirá que o sujeito não só tenha acesso a novas informações, como também construa e enriqueça seu próprio conhecimento.

Para tanto, a Literatura precisa deixar de ser vista como um brinquedo ou mero entretenimento ao ser incorporada ao universo infantil. Textos infantis são repletos de valores. Aceitar isso fará com que a Literatura torne-se algo de grande valia para a educação e o desenvolvimento da criança.

Bem disse Monteiro Lobato (1964, p. 250): “Quem começa pela menina da capinha vermelha pode acabar nos Diálogos de Platão [...]”. Concordando com ele, temos Rita Foelker (2007), que diz que

Ler é saber. O primeiro resultado da leitura é o aumento do conhecimento [...]. Ler é trocar. Ler não é só receber. Ler é comparar as experiências própria com as narradas pelo escritor [...]. Ler é dialogar. [...] Ler é exercitar o discernimento. [...] Ler é ampliar a percepção. Ler é ser motivado à observação de aspectos da vida que antes nos passava despercebida.

Estudos têm revelado ao longo do tempo que a leitura pode desenvolver várias capacidades nos seres humanos. Ela contribui para a formação de valores no indivíduo, desenvolve a linguagem e o senso crítico e, além disso, desenvolve a imaginação e “ter imaginação é ver o mundo na sua totalidade” (ELIADE, 1991).

As ilustrações também se mostram como uma forte aliada da Literatura Infantil. Alice já indagava: “De que serve um livro sem figuras nem diálogos?” (CARROL, 1988, p. 9).

As figuras servem da mesma forma como estímulo de imaginação. Por esse motivo, muito se tem investido nesse segmento atualmente, a tal ponto de já existirem livros “sem palavras”. Pela ilustração a criança é instigada a criar sua própria história sem ao menos saber ler.

Muitos e variados são os gêneros literários, mas não se pode negar que os contos de fadas ou contos maravilhosos são os mais adequados para o trabalho na infância, visto que seu caráter fictício e mágico estimula a ruptura entre o real e o imaginário e exercem uma função singular a esta prática.

Aliás, os contos maravilhosos encantam, transmitem valores e educam de uma só vez, o que auxilia diretamente no desenvolvimento de áreas cognitivas, afetivas e sociais infantis.

[...] quem um dia não ouviu histórias como Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve, Cinderela e não se maravilhou com sua magia, sentiu medo, sonhou com a princesa ou com o príncipe encantado? Sonhar, sentir medo, alegrias, emoções, faz parte da vida de cada um de nós. Portanto, a literatura infantil auxilia a criança a lidar com seus medos, emoções, ajudando-a a compreender a si mesma, ao outro e o mundo em que vive,

desenvolvendo sua imaginação e pensamento a partir de um mundo que é só dela, o mundo das histórias. Desta forma, a literatura infantil convida a todo educador a vê-la e a senti-la como um dos caminhos para o processo de construção do conhecimento, que precisa ser aventurado, trilhado e descoberto, pois são inúmeras as possibilidades do seu percurso. (FINK, 2003¹)

Utilizar a literatura como forma de lazer mostra-se muito mais consciente do que qualquer outra opção, muitas vezes maçante e alienadora, uma vez que a leitura propicia também o desenvolvimento intelectual do indivíduo.

Visto isso, nossa atuação na formação humanística de outros indivíduos deve estar voltada à garantia de que eles vejam na literatura infantil uma forma apreciada e prazerosa de aprendizagem e lazer, até por que se pensarmos que uma obra literária pode ser lida e agradar tanto crianças quanto adultos quando o contrário normalmente não acontece, veremos que a amplitude e abrangência desta literatura é muito maior do que qualquer outra.

Os benefícios da Literatura são tantos para a vida e o desenvolvimento humano que ainda poderiam ser listados em várias outras páginas. Não é, porém, objetivo desta se estender somente em um assunto, por esse motivo, passar-se-á agora à apresentação de alguns meios que tenham por finalidade alcançar os objetivos almejados até aqui.

2.3 COMO FORMAR LEITORES?

Uma vez realizada a aprendizagem, nenhuma actividade é, aparentemente, mais simples, mais automática do que a leitura: lê-se como se anda, como se respira [...]. (BARTHES e COMPAGNON, 1987).

O processo de leitura é apresentado por Cabral (1986) em quatro níveis: a decodificação, a compreensão, a interpretação e a retenção.

Para decodificar, o sujeito precisa, antes de tudo, conhecer os códigos linguísticos. A compreensão ocorre após esse processo, por ela o leitor se torna capaz de entender a mensagem que o texto quer passar. Daí vem a interpretação, que é quando o leitor, além de compreender o texto, é capaz de opinar criticamente o que lhe está sendo apresentado. Já a retenção é quando o leitor, depois de passadas todas as fases anteriores, absorve para si o que o texto tentou lhe passar.

Porém, chegar ao ponto de conseguir passar por esses quatro níveis exige tempo e dedicação. É um processo longo que, para que surta os efeitos necessários, deve ser iniciado no tempo certo.

Glenn & Janet Doman (1994) defendem que quanto mais nova a pessoa é, mais fácil é para ela adquirir e assimilar um novo conhecimento, uma nova

¹ Frase de Alessandra Tiburski Fink, Mestre em Educação, em seu artigo "Literatura Infantil: um caminho repleto de possibilidades de aprendizagem. Disponível em: <http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2004/Painel/Painel/02_18_06/LITERATURA_INFANTIL_UM_CAMINHO_REPLETO_DE_POSSIBILIDADES_DE_.pdf>.

informação. Para os autores, a criança é um verdadeiro gênio no que tange a aprendizagem, tanto que

Se nasce numa casa onde duas línguas são faladas, falará as duas. Se as pessoas de sua casa falam três idiomas, ela falará os três – e assim por diante [...]. É o maior milagre em termos de aprendizagem que eu conheço. (p. 81).

A partir disso é possível notar que a capacidade que as crianças têm de reter os fatos é enorme. Além disso, para os autores, o processo de aprendizagem é inverso à vida, ou seja, quanto mais velha a criança, menor e mais dificultada será a sua assimilação.

Pergunte a si próprio quantos poemas você aprendeu no ano passado e é capaz de recitar agora. A resposta é provavelmente nenhum. Agora se pergunte quantas cantigas você aprendeu antes dos seis anos e é capaz de cantar. [...] Pergunte-se quantas noites passou decorando-as. Ou será que aprendeu por um tipo qualquer de osmose infantil? [...]. Muita gente acredita que quanto mais velhos, mais inteligentes nós ficamos – não é verdade. (GLENN & JANET DOMAN, p. 87).

Logo, constatamos aqui a importância de se inserir o quanto antes a Literatura na vida da criança, haja vista que a nossa atual intenção é que esta adquira este hábito e leve consigo pelo resto de sua vida.

Glenn & Janet consideram como problema nesse processo o fato de que os adultos, em geral, subestimam a capacidade da criança. Eles chegam a afirmar que “em se tratando de crianças, não há limites para a arrogância dos adultos.” (p. 79). Entretanto, é preciso mudar essa mentalidade o mais rápido possível, uma vez que almejamos formar um leitor.

Traçado esse objetivo, é preciso conhecer um pouco do processo de formação do leitor crítico, o qual dividimos em cinco fases. São elas:

- I. Pré-Leitor: abrange a primeira e a segunda infância. Na primeira, dos quinze meses aos dois anos, a criança começa a reconhecer as coisas a sua volta, pessoas, espaços, etc. Na segunda, entre os dois e três anos, as imagens começam a dar significado às palavras, permitindo-lhe, por exemplo, fazer repetições e contar suas próprias histórias.
- II. Leitor Iniciante: aproximadamente entre os seis ou sete anos. É a fase onde se tem início o contato com códigos escritos na escola. As narrativas são geralmente curtas e com muitos recursos imagéticos.
- III. Leitor em Processo: entre os oito ou nove anos. Nesta fase, o leitor começa a dialogar e questionar o que está lendo. As narrativas são um pouco maiores e necessitam de auxílio de um mediador.
- IV. Leitor Fluente: a idade depende do desenvolvimento de cada indivíduo, mas geralmente acontece entre os onze ou doze anos. Nessa etapa, o sujeito consegue dominar mais facilmente a abstração e entende os textos sem a necessidade de um mediador a todo tempo.

- V. Leitor Crítico: acredita-se que a partir dos treze anos o leitor já tenha alcançado autonomia diante do texto. Aqui, ele já domina a leitura e, com isso, consegue se posicionar criticamente diante do assunto.

Vivemos em uma sociedade na qual a interpretação e o entendimento de códigos linguísticos e imagéticos são cada vez mais exigidos dos indivíduos, inclusive nas situações diárias consideradas mais simples, como a locomoção de um lugar a outro, comprar alguma coisa, letreiros e placas espalhados por todos os lados, etc.

Sabemos também que é papel da escola transmitir esses códigos e inserir o sujeito ao mundo letrado para que este se relacione com facilidade ao meio. Porém, isso não é somente responsabilidade do ambiente escolar, essa inserção, como já vimos, pode e deve começar dentro de casa, antes mesmo de a criança aprender a falar.

Não cabe a esta pesquisa discorrer as teoria do desenvolvimento infantil em toda a sua configuração, mas apontaremos questões necessárias a fim de obtermos melhor embasamento ao que se refere à Literatura e o desenvolvimento da criança.

Em desenvolvimento infantil, temos como base principal as teorias do conhecido filósofo, lógico, educador e psicólogo do desenvolvimento Jean Piaget. Sua teoria do desenvolvimento é a mais completa até os dias atuais, o que nos fez recorrê-lo como embasamento principal nessa pesquisa.

Um dos pontos do desenvolvimento que mais nos chama atenção e, acreditamos, ter mais relação ao tema, é a Gênese da Imitação, chamada assim pelo próprio Piaget em seu livro “A Formação do Símbolo na Criança”, de 1990, que diz que “[...] a criança aprende a imitar e essa aquisição suscita, tanto quanto as demais, todos os problemas relativos à construção sensório-motora e mental.” e ainda “[...] as formas superiores e refletidas de imitação propriamente ditas se integram na inteligência.”.

Com isso, é possível compreender que a criança irá adquirir hábitos que lhes forem apresentados, ou seja, se ela estiver em um meio propício à intelectualidade, esta será “aflorada” e desenvolvida, o que se contrapõe as teorias nativistas, que afirmam que o ser já nasce com o conhecimento através da hereditariedade, e concorda com as teorias empíricas, onde o sujeito nasce sem conhecimento e o mesmo é moldado pelo ambiente e as experiências vividas nele.

Helen Bee (1996), citando Dan Slobin (1985), propõe que “crianças nascem com certos ‘princípios operadores’ que governam a maneira pela qual elas escutam e tentam compreender o fluxo de sons que chega a elas.”, ou seja, elas já nascem com certo inatismo em relação à atenção que prestam a todos os movimentos feitos por qualquer indivíduo que estiver a sua volta.

Aceitar isso nos leva a aceitar também a teoria de maturação, onde o meio em que o indivíduo está inserido irá “moldá-lo” e fazê-lo crescer, se desenvolver, tanto fisicamente quanto intelectualmente, que é o assunto principal dessa pesquisa.

Esse desenvolvimento a partir do meio é descrito por Richard Aslin (1981), também citado por Helen Bee, a partir de cinco modelos de influencia: a própria

maturação, a manutenção, a facilitação, a sintonia e a indução. Limitar-nos-emos a analisar aqui somente a indução.

Ao ser influenciado pelo meio através da indução, acredita-se que o indivíduo tenha a maturação a partir de um efeito exclusivamente ambiental, onde o comportamento só se desenvolve e ocorre a partir de experiências que o mesmo entra em contato. Traduzindo para a linguagem temática dessa pesquisa, a criança incentivada e induzida à leitura terá maior facilidade em compreender e assimilar esse feito, criando hábitos relacionados à leitura e sendo influenciada, diretamente, em sua capacidade mental linguística e interpretativa de efeito significativo a essa experiência.

Entendidas as teorias até aqui propostas é possível perceber que a estimulação desde o nascimento da criança é o primeiro e, se assim pudermos dizer, mais importante passo para se alcançar o objetivo maior, que é formar um leitor para toda a vida.

Com isso comprovamos que, diferente da visão de muitos, não é somente papel da escola promover esse incentivo, nem é ela que deve dar início a este processo. A estimulação deve começar dentro de casa e, para que esta seja efetiva, deve ser algo pertinente ao ambiente familiar, já que, como visto anteriormente, a criança imita o que vê ao seu redor. Logo, formar um leitor é tarefa para alguém que se encaixe nesse perfil. Se seus familiares lêem e lhe oferecem livros, a leitura será algo comum a este indivíduo e não algo imposto, muitas vezes, quando este chega a uma idade escolar.

É preciso ter em sempre em mente que qualquer hábito, por menor ou menos insignificante que seja, pode influenciar determinantemente o gosto ou não da criança pela leitura.

Chamar a atenção de uma criança para um livro pode ser uma tarefa fácil, mas também trabalhosa. Gládis Kaercher, em seu artigo “Literatura Infantil e Educação Infantil: Um Grande Encontro”², aponta algumas fases pelas quais as crianças passam e algumas atitudes que o adulto pode tomar a fim de aproximar e promover a socialização entre a criança e o livro.

Kaercher aponta que, nos primeiros anos da criança, quando ela ainda está aprendendo a andar, indica-se que o adulto apresente o livro, deixe a criança manuseá-lo e, depois que ela já o tiver deixado de lado, iniciativa natural nessa fase, o adulto precisa instigar sua atenção: pode, por exemplo, esconder o livro, colocar em baixo de móveis, dentro de outros brinquedos, enfim, recriar o encontro e a descoberta para que a criança volte a sentir prazer com esse objeto.

Num segundo momento, indica-se apresentar à criança livros que tenham diferentes texturas, som, animação, etc., assim, estará promovendo interesse e interação entre a criança e o livro.

² Artigo disponível no acervo digital da UNESP.

<<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/453/4/01d14t10.pdf>>.

Por volta de um ano e meio a criança já começa a falar e tentar repetir bastante coisa que ouve. Nesse momento, é de grande importância que o adulto narre as histórias de maneira dramatizada, sempre envolvendo a criança na história.

Despertar essa paixão ludicamente pode ser uma ação simples. “Perder” alguns minutos lendo para uma criança pode trazer vários benefícios a esta posteriormente, porém, é necessário que isso seja feito com conhecimento. Azevedo (2004) defende esse posicionamento. Segundo ele “[...] é imprescindível que entre a pessoa que lê e o texto se estabeleça uma espécie de comunhão baseado no prazer, na identificação, no interesse e na liberdade de interpretação.”.

A contação de histórias já era usada desde a antiguidade como meio de transmissão de conhecimentos e valores, o que constata sua importância na formação humana como meio de estímulo à imaginação, linguagem, memória, socialização, entre outros. Para Coelho (2005),

[...] a história é importante alimento da imaginação. Permite a auto-identificação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis, ajuda a resolver conflitos, acenando com a esperança. Agrada a todos, de modo geral, sem distinção de idade, de classe social, de circunstância de vida. Descobrir isso e praticá-lo é uma forma de incorporar a arte à vida [...].

Ao discutir qual seria a melhor maneira de se contar histórias, Elizagaray (1975, p. 10) aponta que “o narrador tem que transmitir confiança, motivar a atenção e despertar a admiração. [...] conduzir a situação como se fosse um virtuoso que sabe seu texto, [...] que pode permitir-se o luxo de fazer variações sobre o tema.”.

Contar histórias é também uma arte. Não basta pegar um livro e ler. É preciso conhecer o que está lendo, utilizar recursos para atrair atenção e, o mais importante, convencer o ouvinte.

Algumas técnicas são sugeridas por Kaercher (s.d., p. 141-142) para a contação de histórias. Além de concordar com o fato de que a contação não é apenas uma leitura em voz alta e que, para fazê-la, o adulto precisa conhecer o texto, ela aponta algumas sugestões de como fazer isso de forma atrativa ao universo infantil. Dentre suas sugestões, destacamos:

Teatro de fantoches [...]. Histórias sugeridas: a professora (*neste caso o adulto*), com o auxílio do flanelógrafo ou do avental [...] inicia a narrativa com uma imagem e as crianças dão continuidade à história [...]. histórias com usos exclusivos de gravuras: [...] as imagens são expostas às crianças [...] que irão sozinhas encadeá-las para formar uma narrativa. (Grifo nosso).

A autora ainda diz que, para crianças, trabalhar sempre de forma lúdica e atenta as suas necessidades e curiosidades é a melhor forma de promover o gosto pela leitura.

Entre dois e três anos a criança precisa ter o livro como “companheiro”, podendo manipulá-lo, por isso, considera-se usar obras de materiais adequados à

sua faixa etária. Existem atualmente no mercado livros feitos em diversos materiais resistentes, como por exemplo, o plástico, a madeira, o pano, o papelão, etc.

As imagens nesta fase se mostram muito importantes, pois espera-se que seja aqui que a criança passe a fazer a leitura imagética do livro criando e contando sua própria história.

Aos chegar aos quatro anos, e com bastante interesse pelas letras e palavras, o adulto deve se preocupar em mediar o processo de conhecimento, apresentando sempre de maneira lúdica o que é de interesse da criança.

Bamberger (2008, p. 33) também aponta as fases da leitura. Seu diferencial está em alencá-las de acordo com os gêneros textuais e idade das crianças. Para ele existem cinco fases:

- I. A idade dos livros de gravuras e versos infantis, dos dois aos cinco anos. Assim como já fora apontado, nessa fase a criança se interessa pelas imagens e começa a traçar suas próprias histórias.
- II. A idade dos contos de fadas ou maravilhosos, dos cinco a oito anos. Essa é a fase da fantasia, onde a criança é suscetível ao mágico e duvidoso.
- III. A idade das histórias ambientais, dos oito aos doze anos. Aqui o conto de fadas ainda apresenta interesse, porém as indagações e dúvidas quanto a ele começam a surgir.
- IV. A idade das aventuras, dos doze aos quinze anos. A criança, nesta fase, começa a formar sua personalidade leitora. Esse momento é marcado por um realismo aventureiro, onde o real predomina, mas o lúdico ainda está presente.
- V. Os anos da maturidade, a partir dos quinze anos. Aqui o indivíduo já desenvolveu seu senso crítico em relação ao mundo, podendo escolher o gênero de acordo com seu plano de vida.

O mais ponderoso aqui é reafirmar que tudo isso tem início na infância. Para que cada um chegue a cada uma dessas fases é preciso persistência, e isso vai variar de indivíduo para indivíduo de acordo com a estimulação que ele recebe.

A escola também tem seu papel na formação desse leitor ativo, principalmente por que não são todas as famílias que irão se preocupar com a formação do leitor. A eminência do ambiente escolar está, pois em saber que um verdadeiro leitor não apenas conhece o código como também o entende.

De maneira simplificada, o papel da escola vai além de formar um leitor obediente, que consegue resumir, preencher, fazer fichas, etc. O papel da escola é formar um leitor consciente produtor de cultura, que consiga atribuir significado ao que lê e transportar isso para a sua vida.

Desde 1997 os Parâmetros Curriculares Nacionais³ (PCN, p. 53 - 54) já defendiam que o trabalho com a leitura deve estar associado a o objetivo de formar leitores competentes.

Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar sua leitura a partir da localização de elementos discursivos que permitam fazê-lo [...] A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção de significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que se sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. não se trata simplesmente de extrair informação da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita.

Para o ambiente escolar, o mais importante na estimulação é não tornar a leitura algo maçante ou forçado. Algumas escolas tratam a leitura como complemento para a aprendizagem, quando o correto é justamente o contrário: a aprendizagem é o complemento, o lucro, da leitura. Em relação a isso, Luckesi (1994, p. 144) afirma que:

[...] o livro didático, de alguma forma, deve ser instrumento descartável no processo de ensino. Ele é um instrumento importante, desde que tem a possibilidade de registrar e manter, com fidelidade e permanência a mensagem. O que está escrito permanece escrito; não é tão perecível quanto à memória viva.

Por esse motivo, o uso da Literatura nos livros didáticos é amplamente criticado, pois acaba transformando o literário em escolar, perdendo seu verdadeiro sentido e prejudicando o leitor.

A leitura em sala de aula precisa ser um momento de deleite e satisfação que traga sentido ao aluno. Kleiman (1998) explica que

Ninguém gosta de fazer aquilo que é difícil demais, nem aquilo do qual não consegue extrair o sentido. Essa é uma boa caracterização da tarefa de ler em sala de aula: para uma grande maioria dos alunos ela é difícil demais, justamente por que não faz sentido.

Para que isso não ocorra, é de extrema conveniência que os professores utilizem estratégias diversificadas para a abordagem do texto em sala de aula a fim de promover familiarização do leitor com a própria leitura, dita.

³ Parâmetros Curriculares Nacionais disponíveis em versão digital no portal do MEC. <<http://www.portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>.

Claro que apenas ter o hábito de ler não torna o indivíduo um leitor crítico. Esse hábito precisa estar desvinculado da obrigação e ligado ao prazer, como já fora dito. Mas, além disso, é necessário que este ato esteja associado a um planejamento minucioso por parte do professor/educador.

Segundo Vargas (2000, p. 7) as escolas estão formando atualmente mais “letores” do que leitores. Para a autora, a diferença entre um termo e outro está “na qualidade da decodificação, no modo de sentir e de perceber o que está escrito.”

O que acontece na realidade, de acordo com Frantz (1998, p. 14 – 15) é que os professores muitas vezes até querem fazer um trabalho diversificado, porém não têm recursos para fazê-lo.

Há, na verdade, grande distancia entre o que a escola pensa e o que de fato ela faz ou consegue fazer a respeito da leitura e da formação do leitor. Muitas vezes o professor tem consciência disso tudo, mas se sente impotente, despreparado, sem recursos para fazer esse trabalho.

Apesar disso, a leitura precisa ser pensada e incentivada de maneira a formar cidadãos críticos, por isso a leitura obrigatória em escolas é amplamente criticada, já que ela torna esse processo algo mecânico, onde o indivíduo não desenvolve nenhuma capacidade cognitiva além do conhecimento de palavras.

Bettelheim (1996, p. 13) expõe que:

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação, ajudá-la a desenvolver seu intelecto e tornar clara suas emoções, estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações, reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam.

Pennac (1998, p. 21) também concorda, de forma poética, com tais afirmações e ainda aponta para a questão de que para influenciar a leitura o sujeito precisa ser, antes de tudo, leitor.

É preciso ler, é preciso ler...
E se, em vez de exigir a leitura, o professor
decidissem partilhar sua própria felicidade de ler?
A felicidade de ler? O que é isso, a felicidade de ler?

Já Abramovich, além de questionar essa realidade, provoca um sério questionamento interno em cada um:

Como falar mais de encantamento da história, das emoções sentidas e vividas pelos personagens, das sofrências e alegrias, dos sufocos e deslumbrâncias, se eu deixei passar batido tudo isso em mim?? Como fazer a criança ou o jovem lerem se eu leio tão pouco?

É como já foi defendido anteriormente, a criança “imita” o que vê. Quando o adulto mostra a ela, e não somente com palavras, que a leitura é uma atividade prazerosa a assimilação disso será muito mais fácil.

Porém, dentro do ambiente escolar é preciso pensar sempre no processo de ensino-aprendizagem a fim de proporcionar aos alunos uma educação de fato transformadora, principalmente no que diz respeito ao gosto pela leitura.

Algumas atitudes podem ser tomadas tanto por educadores quanto pelos responsáveis pela criança a fim de atingir o objetivo almejado nesse processo, uma delas é a troca de experiências. É importante que a leitura não seja feita apenas em livros, mas seja um momento prazeroso de diálogo.

É por meio da linguagem oral (leitura e diálogo) com as crianças, principalmente as que ainda não sabem ler, que se desenvolve o contato dessa criança com o livro de maneira lúdica e prazerosa já que cria laços entre o “leitor ouvinte” e o “leitor” propriamente dito.

Discutir sobre aquilo que acabou de ouvir pode deixar uma aproximação maior entre o real e o imaginário infantil. Além disso, estará produzindo internamente um belo trabalho de afetividade, aproximação, imaginação e criatividade. Jorge (2003, p. 97) defende que a narrativa compartilhada estimula o prazer de contar, ouvir e até mesmo criar novas histórias.

É fundamental que a criança possa vivenciar a palavra e a escuta em todas as suas possibilidades, explorando diferentes linguagens, capturando-as e apropriando-se do mundo que a cerca, para que este se desvele diante dela e se torne fonte de interesse vivo e permanente, fonte de curiosidade, de espantos, de desejos e descobertas, numa dinâmica em que ela se socialize e se manifeste de forma ativa, cri(ativa), particip(ativa) em qualquer situação, não apenas “recebendo” passivamente, mas produzindo e (re)produzindo cultura.

Outro ponto que pode e deve ser analisado é a maneira como a Literatura é apresentada à criança. Querer construir uma sociedade de leitores vai muito além do sonho ou projeto, cada um precisa se esforçar para que efetivamente ocorra.

Precisa ser levado em conta, do mesmo modo, que a transformação cultural atual em relação às novas tecnologias não pode ser ignorada nesse processo, mas sim trabalhada e utilizada de maneira cuidadosa e minuciosa, afinal, os recursos tecnológicos representam o avanço da sociedade e não o contrário. Logo, o trabalho com a Literatura, principalmente a Infantil, deve estar associado ao que é atual e atrativo.

Poderíamos elencar aqui inúmeras vantagens e desvantagens dos novos recursos tecnológicos para a educação, mas o que realmente interessa é o fato de que eles, em instancia alguma, irão substituir o valor do leitor. Como afirmam Kleiman e Moraes (2007, p. 90): “As sociedades altamente tecnologizadas precisam de indivíduos que possam continuar o processo de aprendizagem independentemente e, para isso, o cidadão precisa ler.”.

Constatou-se aqui que o ato de ler é de grande valia no que tange a conscientização, emancipação e desenvolvimento humano. Porém, foi visto também que esse hábito não é frequente e, muitas vezes, nem considerado de tanta importância entre os indivíduos da sociedade atual.

Mesmo aceitando que essa realidade vem mudando com o passar dos anos, é preciso ainda muito para alcançar resultados positivos em sua maioria.

III CAPÍTULO: PROJETOS E EXPERIÊNCIAS DE ÂMBITO NACIONAL

3.1 PROJETO TRILHAS

De abrangência nacional, o projeto Trilhas, iniciativa do Instituto Natura, se faz presente em mais de três mil municípios espalhados por todos os estados brasileiros, totalizando em aproximadamente setenta e duas mil escolas, cento e quarenta mil professores e três milhões de alunos beneficiados desde 2009.

O projeto consiste em um conjunto de materiais produzidos com a finalidade de auxiliar o trabalho docente no que diz respeito à leitura, escrita e oralidade tanto na Educação Infantil quanto no Ensino Fundamental.

Maria Slemenson, coordenadora do projeto, explica que o propósito do mesmo é que “[...] o livro, a leitura, a literatura e, acima de tudo, o desenvolvimento das capacidades intelectuais, tenham lugar no cotidiano escolar.”⁴

Os materiais do projeto são disponibilizados para download e reprodução no em portal online, onde os profissionais do ensino podem trocar experiências, organizar tarefas de avaliação, apropriar-se de materiais e referencias de estudo e também fazer cursos de formação continuada.

Os materiais são compostos por cadernos de orientação ao professor, jogos educativos, cartelas de atividades e livros infantis e são divididos em três conjuntos, o “Trilhas para Escrever e Ler Textos”, o “Trilhas para Abrir o Apetite Poético” e o “Trilhas de Jogos”.

O projeto é reconhecido pelo MEC, o que tem grande peso no que tange ao seu reconhecimento em níveis escolares, tanto que a distribuição direta dos materiais nas escolas é feita de acordo com as suas recomendações, que avaliam as instituições que tem prioridade em recebê-los (normalmente as que tiveram um baixo desempenho no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB).

Dados do portal online afirmam que “O projeto está alinhado com o Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação (Decreto número 6.094, de 24 de abril de 2007, artigo 2, inciso II), que estabelece, entre outros objetivos, a alfabetização de todas as crianças de até 8 anos e o incentivo à leitura.”⁵

Além do Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação, o Trilhas compartilha também do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC, que é um programa do governo federal. Desta parceria, os objetivos almejados são a formação continuada, a distribuição de títulos literários e jogos educativos adequados as faixas etárias de cada escola e o uso dos portais online como apoio para o desenvolvimento de ações.

3.2 PROJETO ITAÚ: LEIA PARA UMA CRIANÇA

O Itaú acredita que quanto mais histórias uma criança ouve, mais criativa e feliz ela é. Para apoiar essa iniciativa é que o projeto “Leia para uma criança” foi criado pela Fundação Itaú Social.

⁴ Depoimento extraído do site da instituição. <<http://www.portaltrilhas.org.br>>.

⁵ Dados extraídos do site da instituição. <<http://www.portaltrilhas.org.br>>.

Para tanto, o Instituto edita, distribui e envia livros, sem qualquer custo para quem vai recebê-los. Basta entrar no site e se inscrever. Desde o início do projeto já foram distribuídos aproximadamente trinta e cinco milhões de livros.

A proposta é que, depois de lidos, os livros sejam encaminhados a outros pelo próprio indivíduo que o recebeu. É possível também acessar o portal online da instituição, onde se pode conversar com outras pessoas e registrar seus momentos de leitura, incentivando a outros a fazerem o mesmo.

3.3 FUNDAÇÃO EDUCAR D’PASCHOAL

Localizada em Campinas, São Paulo, a Fundação Educar atende crianças e adultos em escolas em várias localidades do Brasil.

Criada em 1989 com o intuito de promover a educação voltada para a cidadania por meio de programas que incentivem e estimulem a leitura, a Fundação desenvolve três projetos interligados: o “Leia Comigo!”, a “Academia Educar” e o “Trote da Cidadania”.

O projeto “Leia Comigo!” defende que é preciso estimular a leitura desde cedo. Visando isso, o objetivo maior do projeto é distribuir livros gratuitamente em escolas e bibliotecas públicas e também em ONGs sociais.

Para tanto, e com o auxílio de parceiros e patrocínios, a própria fundação edita os livros que distribui, o que se torna possível através de seus nove escritores e quatro ilustradores, que se desempenham ao máximo para o sucesso do projeto.

Estima-se que aproximadamente trinta milhões de exemplares já foram doados e distribuídos em todo o país com cerca de cento e quarenta títulos diferentes desde 1999⁶. Para recebê-los é necessário preencher um formulário de aprovação/avaliação no próprio site da Fundação, devendo o solicitante comprovar a utilização dos livros recebidos após a realização de suas atividades planejadas.

Os livros infantis são dotados de conteúdos que estimulem o gosto pela leitura a partir de enredos voltados para a cultura brasileira, buscando sempre valorizar a sensibilidade, a atitude cidadã e a importância que cada indivíduo tem perante as mais diversas situações.

Os livros para adultos são voltados especialmente para voluntários e interessados na “Academia Educar” e no “Trote da Cidadania”, os quais ainda serão expostos e analisados.

Segundo depoimento⁷ do próprio presidente da Fundação, Luís Noberto Paschoal, a missão do projeto é “inserir a leitura na vida da criança, incentivando a leitura e o prazer pelo conhecimento [...]” almejando sempre que “[...] cada criança tenha o livro como amigo, com o qual possa conversar, imaginar, criar, aprender, rir e chorar.”.

A “Academia Educar” foi criada, inicialmente, como um programa de reforço escolar e preparo para o mercado de trabalho. Por volta dos anos 2000, começou-se

⁶ Dados disponíveis no site da Instituição. <<http://www.educardpaschoal.org.br/web>>.

⁷ Depoimento extraído do site da Instituição. <<http://www.educardpaschoal.org.br/web>>.

a idealizar o jovem em seu papel ativo na sociedade, o que gerou um debate e resultou em um modo diferente de visualizar esse jovem. A partir daí ele é visto como protagonista no que diz respeito à educação.

Por esse motivo a finalidade do programa é implantar em escolas públicas o “Núcleo de Cidadania Juvenil”, que é liderado por jovens voluntários, com a missão de criar e desenvolver projetos que promovam melhorias na escola em que está inserido.

Em seu conceito, o “Núcleo de Cidadania Juvenil” visa desenvolver habilidades e competências tanto nos jovens voluntários, como nos jovens que são beneficiados por ele. Além de promover o trabalho grupal e o assistencialismo, o projeto trabalha nos jovens a ética, cidadania, solidariedade, respeito e até o autocuidado.

Vale lembrar que em escolas infantis os jovens voluntários auxiliam na organização de campanhas para arrecadação de materiais, como os próprios livros, promovem gincanas, campeonatos e também fazem contação de histórias, o que trabalha diretamente o lúdico.

Já o “Trote da Cidadania” é um movimento contra os trotes violentos e expositivos que muitas vezes ocorrem nas universidades em todo o país. Por não estar relacionado ao tema da presente pesquisa não o detalharemos.

Por fim, a Fundação Educar estimula a jovens e adultos a aderirem e apoiarem a educação como forma de transformação social, pois acredita que é somente com ela que é possível trazer novos e amplos rumos ao mundo. Para tanto, promove ações e projetos de leitura em escolas públicas, tentando alcançar cada vez mais crianças de baixo poder aquisitivo.

3.4 BICICLOTECA

“Quem ver a Bicicloteca
Já mais pode imaginar
Que para o morador de rua
A facilidade que ela dá”.
(José Carlos, morador de rua).⁸

Desenvolvido pelo Instituto Mobilidade Verde, que é uma ONG sem fins lucrativos a favor do desenvolvimento humano social e geográfico localizada em São Paulo, o projeto “Bicicloteca” é um movimento independente desenvolvido e pensado para pessoas sem acesso a bibliotecas, principalmente moradores de rua.

A bicicloteca nada mais é do que um triciclo com motor elétrico que suporta até cento e cinquenta quilos de livros, que seguem dentro de um baú acoplado em sua retaguarda.

A idéia de usar um triciclo nesse transporte veio da necessidade de que qualquer um, mesmo sem carteira de habilitação, pudesse conduzir os livros. Além

⁸ Depoimento do morador de rua extraído do site do projeto. <<http://biciclotecas.wordpress.com/>>.

disso, é um veículo de fácil acesso, tanto no trânsito, como em praças, ruas, calçadas, etc., pois não atrapalha a circulação e não precisa de combustível.

Seu conceito principal é: “Um livro pode mudar a sua vida”. O projeto é basicamente este: qualquer um pode pegar um livro, que lhe é doado. Depois de lê-lo, pode passar a outro que se interessar. Não precisa de devolução. O objetivo é formar leitores e fazer com que esses novos leitores espalhem essa ideia por incentivo próprio.

O objetivo do Instituto Mobilidade Verde é levar o projeto para outras comunidades, fazendo um trabalho de inclusão e recuperação social através da leitura, visto que, para moradores de rua, o acesso às bibliotecas públicas não é possível, já que os mesmos não têm endereço para fazer o cadastro.

Em pouco mais de dois anos, a bicicleteca já distribuiu mais de duzentos mil livros com o apoio de pessoas que doaram tanto livros quanto recursos financeiros.

Qualquer ONG social pode levar o projeto para a sua cidade, porém é o Instituto Mobilidade Verde que define e prioriza para onde irão mandar, visto que o foco da ONG deve estar voltado para a leitura e a educação e que elas devem possuir condições para manter o veículo (condução, manutenção e local para guardar).

3.5 BIBLIOTECA ESTANTE LIVRE

O projeto “Estante Livre”, inaugurado em abril deste ano, refere-se a uma biblioteca livre de mediadores, instalada em uma praça em Cachoeiro de Itapemirim, interior do estado do Espírito Santo.

A iniciativa surgiu a partir da problemática do acesso ao livro no município, já que no mesmo somente crianças tinham acesso à literatura e por meio da escola.

Com a finalidade de mudar esse fato, foi instalada, no meio da praça central do município, uma estante resistente à ação do tempo e a impactos ambientais, o que assegura a proteção às obras literárias em seu interior.

Inicialmente a escolha dos livros foi feita a partir de pesquisas feitas com a comunidade local. Porém, a apenas poucos meses da instalação, o projeto tomou tamanha dimensão que atraiu pessoas de toda parte que, além de se interessar e ir conhecer, aproveitam para levar livros como doações.

Além de ser um benefício à comunidade, a biblioteca da praça auxilia ativamente no meio escolar, já que os indivíduos podem estar em contato com os livros vinte e quatro horas por dia, o que promove uma real democratização da leitura, impulsiona o conhecimento, auxilia no desenvolvimento cognitivo e crítico, estimula experiências lúdicas e, conseqüentemente, interfere positivamente no desempenho escolar das crianças.

Ademais, são propostas do projeto realizar várias oficinas culturais e literárias com o objetivo de contribuir para a formação acadêmica e intelectual dos participantes.

Os leitores podem pegar o livro, levar pra casa e devolver somente quando terminarem a leitura. O que diferencia a “estante livre” de outras bibliotecas comuns

é que nela o indivíduo não precisa fazer nenhum tipo de cadastro. Além disso, nenhuma pessoa fica responsável pela vigilância da estante ou de seus componentes. Ela não tem intermediários, ou seja, é totalmente livre.

A configuração dos livros, porém, segue uma “ordem” para facilitar o manuseio e acesso às obras. Nas prateleiras mais baixas ficam os livros infantis, nas do meio os juvenis e nas mais altas ficam os livros destinados ao público mais velho.

3.6 LITERASAMPA

O projeto LiteraSampa é um pólo formado por bibliotecas públicas em cinco organizações sociais, sendo elas a Associação Maria Flos Carmeli, o Instituto Brasileiro de Estudo e Apoio Comunitário e o Programa Comunitário da Reconciliação, em São Paulo, o Instituto Criança Cidadã, em Guarulhos e o Centro Comunitário Casa de Mateus, em Mauá.

Atuando ativamente desde 2010, o objetivo dos pólos é promover a leitura e manter projetos variados de formação literária, como oficinas de mediação, encontros e bate papos com autores, etc.

O projeto recebe apoio da comunidade e pessoas que desejarem ajudar, pois não tem apoio do governo. Juntas, as cinco organizações do LiteraSampa beneficiam a aproximadamente três mil e quinhentas pessoas em suas regiões.

A última doação recebida pelo grupo foi um ônibus antigo, o qual eles pretendem transformar em um “ônibus – biblioteca – comunitária”.

O LiteraSampa acredita no valor que a Literatura tem e na mudança que ela pode trazer à vida de muitas pessoas, por isso realiza seus projetos sempre pensando no bem estar das comunidades a que beneficia.

3.7 VAGA LUME

“Esses Vaga Lumes são faróis tentando iluminar nosso país com livros.”
(Depoimento de Ignácio de Loyola, escritor).⁹

Projeto pensado para ação na Amazônia Legal brasileira, que é composta pelos estados da Amazônia, Acre, Amapá, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins, a “Vaga Lume”, associação sem fins lucrativos, já se faz presente em vinte e três municípios, desenvolvendo projetos ligados à educação, cultura e meio ambiente.

A associação foi fundada em 2001 e tem sede em São Paulo. Trata-se de um projeto cuja proposta inicial era a “troca de conhecimentos”. Foi desse conhecimento, que para os idealizadores do projeto está sempre associado à “luz”, que surgiu nome Vaga Lume.

Para que a troca de conhecimentos ocorresse, foi pensada a implantação de uma biblioteca no local, a fim de criar oportunidades de intercâmbios culturais através da leitura, da escrita e da oralidade.

⁹ Depoimento disponível no site da instituição. <<http://www.vagalume.org.br>>.

A Vaga Lume procura sempre estimar a cultura local. Para tanto, acredita em três valores: o humanismo, respeitando a diversidade de cada um, a mediação, promovendo a troca de informações, e a interdependência, acreditando que não existe coletivo sem indivíduo ou indivíduo sem coletivo. Tendo em vista esses três valores, o corpo Vaga Lume acredita que é possível cuidar de si, do outro e do todo.

A grande convicção da instituição é que investir em pessoas é a melhor forma de transformar a humanidade. O desafio do projeto encontra-se justamente nisto: fazê-lo crescer sem perder de vista esse pensamento.

O desenvolvimento do projeto se dá por meio de expedições, encontros, intercâmbios, rodas de contação de história, etc., sempre buscando valorizar a cultura local, como acontece nas rodas de contação de histórias.

A roda de contação de história é um trabalho lúdico onde os moradores da comunidade se reúnem para ouvir histórias, lendas e mitos contados pelos mais velhos. Normalmente são histórias passadas de geração em geração. Depois de ouvi-las os moradores podem participar de oficinas para confeccionar livros artesanais sobre a história contada.

Desde o seu início, o projeto Vaga Lume já envolveu aproximadamente vinte e quatro mil crianças, jovens e adultos em cento e sessenta bibliotecas comunitárias com cerca de oitenta e uma mil obras literárias e duzentos e sessenta e nove livros artesanais produzidos pela comunidade a partir de suas histórias locais.

3.8 BARCA DOS LIVROS

Com o objetivo de promover atividades voltadas à promoção da literatura e incentivar a formação de grupos de leitura é que foi pensado o projeto da biblioteca comunitária Barca dos Livros, que recebe apoio da Sociedade Amantes da Leitura, uma instituição sem fins lucrativos de Florianópolis, SC.

A biblioteca foi montada em um barco adaptado para receber as obras literárias que leva ao encontro do leitor. O projeto contempla, desde 2007, várias atividades como “A escola vai à Barca”, “Histórias na Barca dos livros”, “sarau de histórias”, “Encontro com o autor” e também diversos cursos e oficinas.

O projeto é aprovado pelo governo como Ponto de Cultura e recebe apoio e patrocínio de várias empresas. Além disso, a comunidade também faz a sua parte no que tange ao auxílio de custos e manutenção da Barca, promovendo ações como brechós, jantares, rifas, doações, etc.

Estima-se que desde o seu início o projeto já tenha recebido oitenta mil visitas escolares, aproximadamente quatro mil leitores cadastrados, quarenta e cinco mil livros emprestados e uma média de dez mil obras catalogadas.

O principal foco do trabalho é promover o encontro entre o leitor e o livro através do atendimento diário e gratuito, que para seus idealizadores, é imprescindível para a formação do leitor em qualquer idade.

3.9 PROGRAMA PRAZER EM LER

O Programa Prazer em Ler é uma iniciativa do Instituto C&A que visa, desde 2006, apoiar ONGs sociais em trabalhos relacionados à disseminação da leitura, não atuando diretamente, mas promovendo meios para que essas organizações aumentem o domínio da leitura no território brasileiro.

Até este ano, doze organizações operam em vinte e quatro municípios com o apoio do instituto, que prevê potencializar e integrar os espaços de leitura, o acervo literário, a mediação de leitura e a gestão compartilhada destas.

Além de implementar projetos de leitura, o Programa Prazer em Ler apoia diretamente seus pólos, dispondo de recursos para a promoção de seminários, orientações, contação de histórias, etc.

O instituto C&A se respalda em quatro princípios previstos na Constituição de 88: a dignidade humana, que diz que toda pessoa é merecedora e tem direito a boas condições de vida, a igualdade dos direitos, a participação social, que permite que o cidadão busque gerir seus problemas pela ótica do bem comum, e a co-responsabilidade pela vida social, que se baseia nos atos e consequências destes para o indivíduo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Viu-se ao longo da história que a Literatura Infantil ganhou novos contextos de acordo com a época, momento, tradições e valores da sociedade, ou seja, cada vez que uma história é contada, ela é modificada, agregada de novos contextos e elementos culturais e sociais.

Buscou-se mostrar na presente pesquisa a importância da Literatura na vida das pessoas e constatou-se, através de vários teóricos e teorias a veracidade das respostas e esse questionamento.

Podemos notar que ainda não é dada importância suficiente às obras literárias quanto a sua eficácia no desenvolvimento humano, principalmente o infantil. Percebe-se com isso a influência do projeto na educação e, principalmente, no incentivo à difusão da literatura em âmbito nacional.

Vimos que existem vários projetos desse tipo e arriscamo-nos a conhecer e expor os objetivos de cada um. Deles é possível concluir uma coisa: todos têm “palavras chave” em comum. O foco é sempre a educação, o desenvolvimento humano, a comunidade, o todo, a diversidade, a cultura, a infância, a juventude, a democracia... Enfim, analisar os objetivos de cada um nos deixa claro o quanto são positivos e pensados para o desenvolvimento da humanidade. Garantir isso já é uma tarefa mais difícil.

Sabemos que há ainda muitos outros menores, os quais não foram citados na presente pesquisa, mas que estão exercendo sua função e fazendo sua parte no que diz respeito à divulgação da Literatura e promoção de acessibilidade da mesma.

Idealizar e trabalhar projetos que promovam a literatura no cotidiano agora significa muito mais do que simplesmente pensar no desenvolvimento humano do presente. Significa devanear um mundo melhor para os que ainda vão nascer, significa querer mudar o rumo da humanidade, significa expandir a visão de mundo de crianças, jovens e adultos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices**. 2. Ed. São Paulo: Scipione, 1991.

ASLIN, Richard. (1981). **Development of Perception**. In BEE, Helen. *A Criança em desenvolvimento*. 7. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

AZEVEDO, Ricardo. **Formações de Leitores e Razões para a Literatura**. In SOUZA, R. J. *Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo: DCL, 2004.

AZEVEDO, Ricardo. **Um Homem no Sótão**. São Paulo: Ática, 2006.

BAMBERGER, R. **Como Incentivar o Hábito da Leitura**. 7. Ed. São Paulo: Ática, 2008.

BARTHES, R.; COMPAGNON, A. **Leitura**. In *Enciclopédia Einaudi*, vol. 11. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1987.

BECKER, Célia Doris. **História da Literatura Infantil Brasileira**. In SARAIVA, Juracy (org.). *Literatura e Alfabetização: do plano do choro ao plano da ação*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

BEE, Helen. **A Criança em Desenvolvimento**. 7. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas. 1996. 550 p.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fada**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

CABRAL, L. S. **Processos Psicolinguísticos de Leitura e a Criança**. [s.l.]: Letras de Hoje, 1986.

CADEMARTORI, Lúgia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CAGNETI, Sueli de Souza. **Livro que te quero livre**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1996.

CARROL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas**. Tradução Nicolau Servenko. São Paulo: Scipione, 1988.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria – Análise – Didática**. São Paulo: Moderna, 2005.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e Prática**. 18. Ed. São Paulo: Ática, 2003.

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ELIZAGARAY, Alga Marina. **O Poder da Literatura para Crianças e Jovens**. Havanás: Letras Cubanas, 1981.

FERNADES, Célia Regina D. **Literatura, Literatura Infanto-Juvenil e Educação**. Londrina: Eduel, 2013. Livro digital.

FOELKER, Rita. **Importância da Leitura na Construção do Conhecimento**. Arquivo digital. Disponível em: <<http://www.edicoesgil.com.br/educador/leitura>>. Acesso: maio/14.

FRANTZ, Maria Helena Zancan. **O Ensino da Literatura nas Séries Iniciais**. 2. Ed. Ijuí: Editora Unijuí, 1998.

GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à Literatura Infantil e Juvenil**. 2. Ed. São Paulo: Pioneira, 1991.

JORGE, L. **Roda de Histórias: A Criança e o Prazer de Ler, Ouvir e Contar Histórias**. In DIAS, Marina C. M. M.; NICOLAU, Marieta L. M. (orgs.). *Oficinas de Sonho e Realidade na Formação do Educador da Infância*. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Leitura: teoria e prática**. 6. Ed. Campinas: Pontes, 1998.

KLEIMAN, A.; MORAES, S. **Leitura e Interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola**. 7. Ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

LOBATO, Monteiro. **Conferências, Artigos e Crônicas**. São Paulo: Brasiliense, 1964.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PIAGET, Jean. **A Formação do Símbolo na Criança**. 3. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 1990. 370 p.

SILVA, E. T. **Conferência sobre Leitura: Trilogia Pedagógica**. 3. Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

SLOBIN, Dan I. (1985). **Crosslinguistic evidence for the language-making capacity**. In BEE, Helen. *A Criança em Desenvolvimento*. 7. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SMOLKA, Ana Luiza B. 'et al'. **Leitura e Desenvolvimento da Linguagem**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

SOUZA, R. J. **Importância da Formação de Leitores Competentes para Inserção na Cultura Letrada**. In *Nas Teias do Saber: Ensaios sobre Leitura e Letramento*. São Paulo: Meio Impresso: 2005.

SOSA, Jesualdo. **Literatura Infantil**. São Paulo: Cultrix, 1978.

VARGAS, Suzana. **Leitura: uma aprendizagem de prazer**. 4. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para vida inteira**. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya, 1999.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. **Um Brasil para Crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira**: histórias, autores e textos. São Paulo: Global, 1986.

Retratos da Leitura no Brasil. 3. Ed. Instituto Pró-Livro: 2011. Livreto digital. Disponível em: <http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/2834_10.pdf>. Acesso: Maio/14.